

APRESENTAÇÃO

No primeiro fascículo de 2017, quando Debates do NER completa 20 anos desde sua criação, os editores reforçam a missão do periódico em contribuir para a ampliação do debate das ciências sociais da religião na América Latina trazendo para seus leitores a tradução inédita para o português do texto “O sagrado na vida cotidiana” de Michel Leiris (1901-1990). Cotejado a outros escritos publicados no Brasil de autoria do intelectual francês (LEIRIS, 1970, 2002, 2003, 2007), este que agora se torna disponível se destaca por focar uma noção cuja importância para os estudos sobre religião é crucial. A iniciativa da tradução é tributária do trabalho dos pesquisadores do grupo “Religião, arte, materialidade e espaço público” (MARES), que reúne antropólogos do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e de São Paulo.

Muitos são os interesses da retomada de “O sagrado na vida cotidiana”, indicam os textos reunidos neste dossiê, que se abrem em diversas direções interpretativas a partir dessas linhas notáveis. Conferência pronunciada em 1938 no *Collège de Sociologie*, aventura efêmera que reuniu Georges Bataille, Leiris e Roger Caillois, entre 1937 e 1938, e publicado na *Nouvelle Revue Française* no mesmo ano, este ensaio sintético lança uma série de sugestões, além de revelar traços salientes do perfil de seu autor, o poeta e crítico de extração surrealista que se converteu à antropologia no interior da Missão Dacar-Djibouti (1931-1933), da qual participou como secretário-arquivista, e sobre a qual escreveu *A África fantasma* (1934). A relação de Leiris com a antropologia se manteria instável pelo resto de sua vida, sem que isso invalidasse as contribuições do autor de *O Sagrado na Vida Cotidiana* para temas que atravessam os interesses dos que estudam religião. A dinâmica de rituais e as múltiplas formas adquiridas por religiões na África ou que de lá vieram para a América (algo que o próprio Leiris estudaria no Caribe) são alguns desses temas.

Concebido entre o final da redação de sua autobiografia, *A idade viril*, publicada em 1939 e o início da elaboração de seu projeto autobiográfico de maior fôlego, *La règle du jeu* (1948-1976), o ensaio traz as marcas dos trânsitos do autor entre a antropologia e a literatura (evidentes em *O espelho da tauromaquia*, também de 1938), além de deixar ver o seu interesse pelos fatos da linguagem, matéria da tese que foi defendida no mesmo ano, *La langue secrète des Dogons de Sanga*. Fiel à dicção confessional da obra de Leiris, o texto mostra-se uma nova investida no exercício auto-reflexivo e memorialístico, que se combina, nesse caso, ao projeto da “sociologia sagrada” do *Collège*, tocado de perto pelo clima do entre-guerras francês e pelas iniciativas intelectuais, estéticas e políticas que animaram esses anos. Equilibrado entre a voz autobiográfica e as preocupações de seu tempo, ao mesmo tempo pessoal e de amplo alcance, *O sagrado na vida cotidiana* oferece ao leitor em geral e ao antropólogo em particular, novas perspectivas para a reflexão sobre o sagrado, convidando-nos a alargar seus sentidos e a explorar, com isso, novos efeitos que ele lança sobre o mundo. Para aqueles interessados no tema da religião, o texto de Leiris propicia um deslocamento, que permite perceber que a importância de se pesquisar “religião” depende da capacidade de enxergarmos e criarmos caminhos que mostram sua conexão com outros universos e temas.

O debate que dá sequência ao texto de Michel Leiris é formado por comentários de: Fernanda Arêas Peixoto, Edilson Pereira, Julia Vilaça Goyatá, Emerson Giumbelli, Luis Felipe Sobral, Gustavo Ruiz Chiesa, Paola Lins Oliveira e Rodrigo Toniol. Essas oito reações ao ensaio principal foram inicialmente apresentadas e debatidas no primeiro semestre de 2016, durante o I Encontro do MARES. Versões anteriores desses textos estão disponíveis no blog do grupo de pesquisa (<https://maresantropologia.wordpress.com>) e neste volume apresentamos o resultado final, após um ano de debate sobre esse breve, mas potente ensaio de Michel Leiris.

O texto de abertura da seção de artigos, de autoria do antropólogo Pedro Paulo Pereira, intitulado “A incorporação e suas poéticas”, tem como ponto de partida o seguinte conjunto de questões: Quais articulações

construiriam os corpos? Se os corpos são interfaces que vão ficando descritíveis quando aprendem a ser afetados por múltiplos elementos, colocados em movimento por entidades humanas e não humanas, quais seriam esses afetos e quais entidades e mediadores? Como ocorrem as incorporações? Como, enfim, se inventa um corpo? Para respondê-las o autor recorre a um amplo arcabouço de dados sobre os processos de invenção dos corpos de travestis, enfatizando como a economia estilística da fabricação de beleza, muitas vezes, também precisa ser negociada com mediadores sagrados, tal como orixás e outras entidades do panteão afro-religioso.

Na sequência, Hermes de Sousa Veras, em “Galos e quintais: um estudo do sacrificado na Mina Nagô paraense”, apresenta uma etnografia do ritual de sacrifício realizado em um terreiro de nação Mina Nagô, na Grande Belém, Pará. Sugerindo a possibilidade analítica de compreensão do sacrifício como um amplo sistema ritual de contágio, mediador entre povo de santo, suas divindades e as diversas instâncias mundanas, o autor percorre as etapas visíveis e invisíveis do rito, recorrendo e revisando noções como comensalidade, pessoa, materialidade e imaterialidade.

O texto “New age, salud y educación. Confluencia y divergencia de posiciones”, da antropóloga Vanina Papalini, é o primeiro em uma sequência de quatro artigos dessa edição que tematiza aspectos relativos às relações entre saúde e religião. Papalini apresenta o resultado de observações de práticas terapêuticas e de entrevistas com usuários, terapeutas, médicos e professores de yoga acerca do tema do ensino de práticas “de raiz religiosa New Age”. Diante da variedade de posições sobre o tema, ora convergentes, ora dissonantes, a autora compara e tipifica as posições dos atores analisados e, assim, propõe um quadro analítico hipoteticamente capaz de transcender o contexto pesquisado.

Também abordando o tema de práticas terapêuticas associadas pela literatura ao universo da Nova Era, Fábio Stern e Andrei Moreira realizam uma análise documental em busca da identificação das formas de utilização da mitologia como ferramenta terapêutica entre naturopatas. A contribuição do artigo “Mitologia como terapia”, contudo, não termina na análise

do uso terapêutico da mitologia, mas se estende para o tema dos processos de institucionalização das terapias popularizadas pela Nova Era, conectando-se, assim, com o debate iniciado no artigo de Vanina Papalini. O texto de Gustavo Chiesa, “Uma nova era, uma velha pergunta: sobre a ciência e seus (outros) olhares”, dá continuidade ao debate sobre as formas de legitimação/institucionalização de práticas terapêuticas, ao explorar os casos do controverso valor científico do magnetismo animal, da metapsíquica e da conscienciologia. Diante dos contextos analisados, que recobrem um amplo arco temporal, o autor pergunta: “Existe algo além do que somos capazes de ver? Algo que se encontra na fronteira daquilo que normalmente definimos como espírito e matéria, mente e corpo, ou ainda, ciência e religião?” A solução é dada na forma de respostas peremptórias, mas de indicações sobre como, de diferentes maneiras e por caminhos distintos, pessoas envolvidas no ambiente médico e acadêmico ocidental estiveram interessadas em repensar suas práticas e seus objetos de investigação, deslocando seus olhares (e suas epistemologias) para as “margens” dos saberes sobre o humano, seus corpos e suas forças.

Encerrando esse conjunto de textos sobre religião e saúde, André Ricardo de Souza e Ronaldo Martins Gomes, no texto “Controvérsias e desafios das religiosas comunidades terapêuticas”, abordam a presença e a atuação de igrejas neopentecostais na oferta de serviços de recuperação de dependentes químicos. A análise dos autores percorre o histórico de transformações das comunidades terapêuticas no Brasil, bem como indica as variadas configurações de sua relação com o Estado ao longo do tempo.

Por fim, o artigo de Cecília dos Guimarães Bastos, “Perspectivas antropológicas sobre o turismo religioso”, apresenta uma revisão da literatura sobre turismo religioso, peregrinação e turismo, indicando tensões entre essas categorias a partir do uso que autores como Erik Cohen, Victor Turner e Nelson Graburn fizeram delas.

Este fascículo de Debates do NER também marca o encerramento do trabalho de Carlos Alberto Steil como editor do periódico. Há 20 anos Carlos foi fundamental para a criação da revista e nos anos seguintes o principal responsável pela manutenção e consolidação do periódico como

um dos mais importantes da área das ciências sociais da religião na América Latina. Em nome de toda equipe editorial e do conselho, tornamos público nosso agradecimento aos anos de trabalho que Carlos dedicou a Debates do NER. Na nova composição do expediente, Carlos Steil passa a integrar a comissão executiva, e Eduardo Dullo, a quem damos boas vindas, passa a dividir com Rodrigo Toniol a editoria da revista.

Rodrigo Toniol
Fernanda Arêas Peixoto
Emerson Giumbelli

TEXTOS DE MICHEL LEIRIS DISPONÍVEIS EM PORTUGUÊS:

- Espelho da Tauromaquia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- A idade viril. Cosac Naify, 2003.
- A África Fantasma. Cosac Naify, 2007.
- Raça e civilização. In: Lévi-Strauss, Claude. Raça e ciência I. São Paulo: Perspectiva, 1970.

A tradução neste volume baseou-se na coletânea organizada por D. Hollier (1979), uma entre outras das reedições do ensaio de Leiris. A existência de uma reedição recente na França (LEIRIS, 2016) mostra a atualidade do texto aqui debatido.

EDIÇÕES FRANCESAS DO TEXTO TRADUZIDO:

- Hollier, Denis (Org.). Le Collège de Sociologie, 1937-1939. Paris: Gallimard, 1979 (Obra reeditada, modificada e ampliada em 1995).
- Le Sacré dans la vie quotidienne: Suivi de notes pour le sacré dans la vie quotidienne ou l'homme sans honneur. Présentation et notes de Denis Hollier. Préface de Lionel Menaché, Paris, Éditions Allia, 2016.

